

A constituição do infantil na obra de Freud

Dione de Medeiros Lula Zavaroni

Terezinha de Camargo Viana

Luiz Augusto Monnerat Celes

Universidade de Brasília

Resumo

O modo como Freud compreendeu a importância da infância na constituição psíquica é fundamental na psicanálise. Este fato sustenta a proposta de considerarmos que esta noção assume, na metapsicologia, o estatuto de um conceito. É na busca do conceito do infantil em Freud que empreendemos a pesquisa que subsidia este artigo. Privilegiamos momentos iniciais da obra freudiana no sentido de apontar que se trata de um conceito muito precocemente instalado na psicanálise. Textos posteriores ao período dos escritos pré-psicanalíticos, tais como “A Interpretação dos Sonhos” e “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, também são analisados no sentido de apontar os desdobramentos iniciais sobre o modo como Freud pensou e tomou o conceito de infantil na metapsicologia e no trabalho psicanalítico.

Palavras-chaves: infância; infantil; constituição psíquica

Abstract

The development of the concept of infantile in Freud. Freud's understanding of the importance of infancy in psychical constitution is fundamental in psychoanalysis, leading us to consider that the notion of infantile, in metapsychology, assumes the statute of a concept. This essay proposes to research the concept of infantile in Freud. In order to point out the precocity of the appearance of the concept in psychoanalysis, the initial moments of Freud's works are favored. Some texts written after the pre-psychoanalytic publications, such as “The Interpretation of Dreams” and “The three essays on the theory of sexuality”, will also be analyzed, so as to point out the initial development of the concept of infantile in metapsychology and in psychoanalytic work.

Keywords: infancy; infantile; psychical constitution

A infância faz parte da história da psicanálise como uma de suas marcas indeléveis. Cenas e lembranças referentes aos primeiros anos de vida dos pacientes estão presentes nos escritos freudianos desde os seus primórdios. O que marca a posição psicanalítica em relação à infância é a especificidade da elaboração teórica em torno deste período da vida humana e, conseqüentemente, o modo próprio como os psicanalistas ouvem os relatos de seus pacientes em relação aos seus primeiros anos de vida.

Em linhas gerais, talvez possamos dizer que a principal característica da compreensão psicanalítica em relação à infância consiste no interesse de resgatar na fala dos pacientes, não exatamente um fato fielmente reproduzido, mas o modo como este fato ficou grafado em seu psiquismo determinando tanto sua própria constituição como, também, seu modo de relembrar o passado. É exatamente este duplo movimento que o infantil estabelece – ao mesmo tempo em que constitui, ele próprio oferece modos de interpretação dessa constituição.

É importante lembrar que essa compreensão do infantil tem

uma ressonância fundamental no trabalho analítico. À medida que esta noção era lapidada, a prática analítica ia assumindo contornos diversos, passando gradualmente pelos terrenos da hipnose, da sugestão e da associação livre. Na medida em que Freud distanciava-se dos fatos em direção à interpretação que o próprio sujeito lhe atribuía, ele caminhava em direção à valorização da associação livre como técnica fundamental da psicanálise. Nesse percurso das transformações do método psicanalítico, o infantil assume uma posição central.

Outro aspecto relevante consiste no fato de que o infantil não é uma construção tardia na teoria psicanalítica. A especificidade conceitual que contorna a idéia de infância e de infantil na psicanálise sempre esteve, de algum modo, presente nos trabalhos de Freud, delimitando, determinando e configurando diversas construções teóricas.

Nos “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess” (Freud, 1950[1892-1899]/1980) já havia a compreensão de que na reconstrução dos primeiros anos de vida feita em análise estão contempladas tanto as recordações de infância proferidas ao

analista como a infância esquecida. Não era apenas aquilo que o paciente recordava que Freud considerava relevante na compreensão dos sintomas, mas também e, sobretudo, a infância que ficou esquecida.

Mesmo quando se voltava à reconstituição dos fatos de infância relatados por seus pacientes, o que mantinha Freud ocupado com a infância era algo da ordem do recalcado. O infantil recalcado, muito mais que um relato sobre a infância, foi, desde sempre, o seu verdadeiro interesse.

Porém, para o próprio Freud, a sustentação metapsicológica da compreensão dos primeiros anos de vida exigiu um permanente trabalho de elaboração. O modo de tomar o infantil na constituição do psiquismo, na formação dos sintomas ou no trabalho de análise não se apresenta placidamente em seus escritos. Ele oscilou, constantemente, em um movimento pendular entre as experiências da infância e o material recalcado. Revendo os escritos freudianos, percebemos que não é exatamente uma precisa delimitação conceitual das noções de infância e de infantil que caracterizará o modo como Freud fez uso das mesmas para explicar a importância dos primeiros anos de vida na constituição psíquica.

Assim, com o intuito de desvendarmos as questões que fomentaram o deslizamento da infância ao infantil nos primórdios da psicanálise, pesquisamos, por meio de alguns textos da obra freudiana, o percurso realizado por Freud nessa elaboração. Nesse caminho, percebemos que existem momentos em que essa construção teórica assume contornos mais precisos. Ressaltamos, em especial, o momento em que a fantasia passa a ocupar um lugar teórico relevante na compreensão da constituição do psiquismo. Esse lugar consiste em atribuir à realidade psíquica um valor de determinação antes atribuído apenas à realidade material. Será nesse momento de valoração da realidade psíquica, que Freud (1950[1892-1899]/1980) realiza uma mudança na compreensão teórica do modo como os primeiros anos de vida participam do processo de constituição psíquica. A fantasia é reposicionada na metapsicologia e assume um lugar de destaque na compreensão e na reconstrução do infantil em análise.

A partir de então, a consideração da fantasia enquanto verdade psíquica confere ao infantil um estatuto que se estende para além daquilo que foi visto, ouvido ou vivido na infância. A dificuldade de compreensão coloca-se exatamente nesse ponto, pois o infantil também se refere às sensações que ficaram grafadas no psiquismo nos primórdios da constituição psíquica. Os sons, os cheiros, as sensações táteis compõem as marcas mnêmicas primordiais e estende-se para além delas.

Assim, pensar o infantil como um conceito psicanalítico passa pela compreensão de uma infância que desliza da simples cronologia e das experiências passíveis de narração à realidade psíquica, e da fantasia como um elemento irrevogável da constituição do psiquismo.

Desse modo, na psicanálise, a infância cronológica não pode ser confundida com o infantil reconstruído no discurso do analisando no contexto da relação transferencial. Como um conceito metapsicológico, o infantil não se dá a ver, mas se faz presente no discurso e no modo como o analisando se põe em análise.

Ao estabelecer o determinismo inconsciente como sua referência fundamental, Freud fixa suas teorizações em um campo

de conhecimento distinto da psicologia e das outras ciências. É nesse campo metapsicológico que inscrevemos a compreensão psicanalítica do infantil.

Na psicanálise, infância e infantil estão remetidos a estruturas conceituais diversas. Enquanto a infância refere-se a um tempo da realidade histórica, o infantil é atemporal e está remetido a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente. Assim, se o infantil na psicanálise é constituído em referência aos conceitos e ao trabalho psicanalítico é preciso que essa especificidade fique demarcada na psicanálise e que o infantil compareça na metapsicologia em seu afastamento e diferenciação ao tempo da infância, embora que irrevogavelmente referido à mesma. O infantil diz do modo peculiar de tomar a infância no trabalho de análise, ou seja, como marca mnêmica recalçada, referente aos primeiros anos de vida.

A propósito da preservação de seus fundamentos, podemos afirmar que existe uma cumplicidade entre esses conceitos. Podemos dizer que a construção *a posteriori* do infantil em análise não abandona propriamente a realidade histórica vivida pela criança. Ao contrário, tomando emprestada a noção de LeGuen (1991), podemos dizer que ela se apóia *a posteriori* nessa realidade para se constituir a partir dela, transformando-a e desfigurando-a. Apropria-se e a transforma. Não a abandona completamente, mas já não é mais a mesma. Desse modo, a possibilidade de realização do trabalho de análise passa pela apropriação das nuances que aproximam e, ao mesmo tempo, diferenciam o conceito de infância e o conceito do infantil.

A pré-história do infantil

Em “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900/1980) consolida a sua compreensão sobre o lugar da infância na constituição do psiquismo. Mas, muito anteriormente, nos chamados escritos pré-psicanalíticos, Freud já havia lançado e estabelecido as marcas constituintes da noção do infantil. Na correspondência que estabelece com Fliess (Freud, 1950 [1892-1899]/1980), a noção do infantil foi problematizada e adquiriu configurações e especificidades que se estendem ao longo de toda a obra freudiana. As bases lançadas por Freud nesse período subsidiaram e estiveram presentes em suas elaborações teóricas posteriores.

Freud começa pelos acontecimentos da infância e sua importância na constituição dos sintomas da histeria. Persegue cada fato da infância de seus pacientes na busca da experiência cuja lembrança ficou recalçada e que, em sua efetividade, tornou-se traumática e originou os sintomas. Nesse momento, ele ainda perseguia o resgate dessas experiências e o reflexo disso, na prática, consistia na busca de lembranças fidedignas das experiências esquecidas. De certo modo, buscava o resgate mnêmico o mais próximo possível da experiência vivida.

Embora aqui, ainda apareça uma suposição de que existe uma infância a ser completamente resgatada, não podemos deixar de considerar que o interesse pelo recalcado já aponta para a suposição de que a busca não é apenas do fato vivido, mas também do fato não rememorado. Esse modo de aproximação que Freud faz da infância, o afasta de uma reconstituição puramente factual e o aproxima de uma reconstrução feita pelo próprio paciente em seu relato. Mesmo que, no final do século XIX, o interesse pela infância não fosse exclusividade do pensamento freudiano,

o modo de pensar e considerar a infância estabelece propriedades específicas ao pensamento psicanalítico.

No “Projeto para uma psicologia científica”¹, Freud (1950[1895]/1980) atribui às experiências infantis valor determinante e fundante do psiquismo. Ele estabelece o desamparo infantil e a busca de satisfação como elementos constituintes da subjetividade. Será por meio da compreensão do psiquismo em seus momentos iniciais, que Freud irá estabelecer o paradigma que sustentará suas elaborações. Segundo ele, o corpo do bebê impõe necessidades que o mesmo não tem como responder. Essas necessidades exigem, por sua vez, uma *ação específica* para que sejam satisfeitas. Impossibilitado de levar a cabo tal ação, a única descarga possível ao bebê será o choro que se torna signo de comunicação, pois traz até ele (o bebê) a proximidade do outro que providenciará sua satisfação. É nas vicissitudes dessas experiências que Freud situa a inscrição da pulsão na constituição psíquica e aponta para um deslizamento que muda o rumo das necessidades.

Na Carta 46, que consta nos “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess” (Freud, 1950[1892-1899]/1980), aparece a noção de transcrição que nos remete à metáfora da escrita na compreensão do funcionamento psíquico. Essa metáfora será retomada posteriormente na Carta 52 (Freud, 1950[1892-1899]/1980) e em “Notas sobre o Bloco Mágico”, quando Freud (1925[1924]/1980) irá representar o aparelho psíquico através da noção da inscrição de traços mnêmicos inapagáveis e da possibilidade inesgotável da realização de novas inscrições.

Nesse momento, Freud menciona duas noções fundamentais: a inacessibilidade do material recalado referente aos anos iniciais da vida e a idéia de que, na passagem entre os diversos períodos da vida, as cenas vividas nos períodos precedentes sofrem uma “tradução”. Em relação a esse último aspecto, Freud (1950[1892-1899]/1980) considera que o período referente aos primeiros anos de vida é intraduzível e que, por isso, o despertar de uma cena dessa fase leva à impossibilidade de tradução. Freud afirma que, mesmo inacessíveis, essas experiências possuem valor de determinação dos sintomas. Mais que isso, ele atribuiu à impossibilidade de tradução o desencadeamento dos sintomas.

Na Carta 52, Freud (1950[1892-1899]/1980) incorpora definitivamente a metáfora da escrita à compreensão do funcionamento psíquico. Com isso, traz outro estatuto para o lugar das experiências que deixam traços. Nessa carta, a partir da idéia do traço mnêmico, Freud discute o processo de transcrição das inscrições deixadas no psiquismo pelas experiências infantis, em alusão não especificamente ao que foi vivido, mas às *marcas* deixadas pelas experiências de prazer e desprazer que a criança vivenciou. Percebemos, portanto, que já nesse momento das elaborações teóricas de Freud, aparece a compreensão do infantil em seu caráter de traço mnêmico recalado e com valor de determinação. Assim, se Freud, nesse momento, já considera que o material psíquico é continuamente traduzido, podemos pensar que o infantil já não pode ser considerado como uma transposição literal das experiências vividas.

Mas, se por um lado, percebemos que Freud (1950[1892-1899]/1980) já elabora algo que o faz pensar nos primeiros anos de vida como uma transcrição lacunar da infância vivida, por outro, percebemos que ele parece manter a idéia de um

acontecimento real que originou o recalque e que se encontra na etiologia das neuroses. Essa oscilação é vista, por exemplo, quando percebemos que, ao mesmo tempo em que sustenta a hipótese de que a histeria é originada por uma sedução vivida na infância e onde um adulto perverso foi seu agente, Freud questiona a existência material dessa sedução.

É o que ocorre na Carta 69, que data de 21 de setembro de 1897, quando Freud (1950[1892-1899]/1980) expressa, de modo claro, o embate teórico (isto é, metapsicológico) que se instalará entre a fantasia e a experiência na etiologia das neuroses. Nessa carta, ele escreve a célebre frase “não acredito mais na minha neurótica” (Freud, 1950[1892-1899]/1980, p. 350), revelando o seu descrédito na realidade material das cenas de sedução infantil. No entanto, não consideramos que Freud tenha abandonado totalmente essa idéia. Consideramos sim, que ele opera um reposicionamento e não exatamente uma redefinição em relação ao lugar da experiência vivida na constituição do trauma. A virada que realiza, nesse momento, consiste na introdução da fantasia na constituição das cenas memorizadas, que irá imprimir às lembranças da infância a marca da singularidade de cada analisando. Assim, a partir desse momento em que a realidade material da experiência passa a ser questionada em seu valor determinante da neurose, podemos pensar que o infantil, como uma reconstrução em análise, foi descolado da realidade vivida para a realidade psíquica, atravessada pela fantasia e marcada pelo recalque.

Assim, consideramos que não há, em Freud, um abandono nem mesmo da intenção de encontrar na reconstrução da experiência traumática da infância um vínculo com a realidade material. Os termos de Freud parecem, muito mais, mostrar a passagem da compreensão da sedução em seu caráter simplesmente perverso (patológico) para uma compreensão de sua função constitutiva da subjetividade. Fatos e fantasias irão mesclar-se na construção das recordações e no engendramento do esquecimento, possibilitando a elaboração freudiana de que não há fato possível de ser reproduzido em sua integridade e não há fantasia que não possua uma conexão com a realidade.

No texto “Lembranças encobridoras”, Freud (1899/1980) já se mostra muito mais preocupado com aquilo que a recordação encobre do que propriamente com o material recapturado na memória. Nesse trabalho, ele chama a atenção para o lugar da fantasia, da ação do recalque que fragmenta as recordações das experiências e para a inscrição indelével do infantil no psiquismo. Assim, será a compreensão de uma lembrança fragmentada e lacunar que ocupará Freud nesse artigo. A compreensão assim formulada é fundamental para o trabalho de análise onde se reafirma a impossibilidade do resgate da infância em sua forma original. Freud (1899/1980) se pergunta: podemos “questionar se temos mesmo alguma lembrança da nossa infância: lembranças *relativas* a nossa infância podem ser tudo o que possuímos” (p. 354).

Concluimos, portanto, que, no período que antecede a publicação de “A interpretação dos sonhos” (1900/1980) e de “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1980), Freud já havia lançado os pressupostos teóricos que sustentam o conceito do *infantil*. Mais que isso, nesse período, de 1892 a 1899, Freud já associou, o infantil à sexualidade, à pulsão, ao recalque, à

fantasia e ao determinismo psíquico das inscrições indelévels que seriam a base e o fundamento do psiquismo.

A interpretação dos sonhos ou sobre um modelo para pensar o infantil na psicanálise

A infância que aparecerá em “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/1980) não estará mais circunscrita ao resgate dos acontecimentos dos primeiros anos. Nessa obra, a infância aparecerá como lembrança e fantasia e terá consolidado seu lugar como fundante e constituinte do psiquismo. Aqui, Freud procede a uma elaboração metapsicológica da noção do infantil como algo diverso da compreensão da infância em seu caráter puramente experiencial. Foi essa compreensão que possibilitou Freud descolar-se da realidade vivida para a realidade psíquica, da infância para o infantil de seus pacientes.

As elaborações de Freud (1900/1980) em “A interpretação dos sonhos” são fundamentais para compreendermos como o infantil comparece no trabalho de análise. O sonho configura-se como o modo, por excelência, do retorno do infantil recapitulando aspectos das experiências recalçadas que não seriam acessíveis de outra forma. Considerando que Freud (1900/1980) tomará o modelo do trabalho de interpretação dos sonhos como o próprio modelo do trabalho de análise, é exatamente o infantil, através da associação livre, que ocupará o centro do trabalho de psicanálise.

O material recalçado surge na fala dos pacientes repleto de deformações e transmutações que possibilitaram com que fossem articulados ao repertório consciente do analisando. É segundo esse mesmo parâmetro que o infantil será reconstituído. Ou seja, não na literalidade das experiências que estiveram em sua origem, mas segundo as regras que possibilitaram sua emergência.

Em “A interpretação dos sonhos”, o que é valorizado por Freud é o caráter revelador dos fragmentos dos sonhos. Também fragmentado será aquilo que o analisando reconstrói dos primeiros anos. Nesse sentido, os fragmentos mnêmicos aparecem como reveladores daquilo que está no cerne do infantil. A reconstrução do infantil em análise não tem mais o intuito de obturar as lacunas, mas tornam-se, elas próprias, reveladoras do sujeito.

Além disso, a reconstrução tem um caráter regressivo. Assim como no sonho, podemos entender que a reconstrução do infantil nos remete a algo “que é mais antigo no tempo e mais primitivo na forma e na topografia psíquica, ou seja, que está mais perto da extremidade perceptiva” (Freud, 1900/1980, p. 584). Assim, o infantil, além de seu caráter determinante na constituição psíquica, é, também, o mais antigo, o mais precoce. Tanto no sentido daquilo que é mais remoto, quanto no sentido daquilo que está em conexão com modos arcaicos do funcionamento psíquico.

O conjunto de conceitos, idéias e noções que aparece em “A interpretação dos sonhos” ganhará nova versão a partir da publicação de “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”², quando Freud (1905/1980) retoma suas conclusões à luz da sexualidade infantil.

O infantil na obra de Freud a partir da constituição da teoria da sexualidade infantil

Em *Os três ensaios*, Freud (1905/1980) fala do esquecimento do infantil localizando a pré-história do sujeito nos primeiros anos da infância. Tratando da amnésia do infantil³ em *Os três ensaios*, Freud reafirma o paradoxo: o infantil remete a um período que é, ao mesmo tempo, esquecido e determinante. No processo de constituição psíquica, é o momento de maior capacidade de receber e reproduzir impressões. São impressões esquecidas que deixam os mais profundos traços em nossas mentes, e que são tomados eles mesmos como traumáticos e constituintes, com efeito determinante. Nesse sentido, o “traumático” se interioriza: não seriam mais as experiências como tais, mas os seus traços o que adquire estatuto traumático. Inscrições e traços esquecidos, mas não apagados. Freud enfatiza que não se pode falar de apagamento ou abolição, mas de recalque.

Nessa obra, o infantil inscreve-se definitivamente em associação ao desenvolvimento pulsional. No percurso freudiano da constituição do infantil, podemos situar *Os Três Ensaíos* (Freud, 1905/1980) como o momento em que a fantasia em relação à sedução encontra o seu suporte nas vicissitudes da pulsão e onde o infantil aparece associado à sexualidade perverso-polimorfa e às fases do desenvolvimento pulsional.

Na elaboração de sua hipótese sobre o desenvolvimento pulsional, Freud (1905/1980) aponta para a marca da sobreposição que se constituirá como característica do processo de subjetivação, em que os modos mais arcaicos do desenvolvimento permanecem presentes, também, na sexualidade do adulto. Assim, o adulto portará para sempre o infantil que o constituiu. As pulsões parciais serão submetidas à ação do recalque e do processo secundário, mas nunca abandonarão seus intentos de retorno ao prazer primordial, agora elaborado teoricamente como fantasia de desejo.

Os pressupostos lançados por Freud em *Os três ensaios* serão permanentemente recuperados em seus trabalhos posteriores. No trabalho “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”⁴, Freud (1909/1980) vai à procura do infantil na observação de crianças e na análise de um menino de cinco anos. No entanto, ele logo percebe que não é a infância em si que ali se apresenta, mas um mundo de desejos, fantasias, lembranças e recordações que, mesmo em uma criança, se davam *a posteriori*.

Após a publicação de *O caso Hans*, Freud volta a discutir a natureza das recordações referentes aos primeiros anos de vida em trabalhos como “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (Freud, 1910/1980) e em “Uma recordação de infância de *Dichtung und Wahrheit*” (Freud, 1917/1980), quando realiza a análise de uma recordação de infância de Goethe. Nesses trabalhos, Freud conclui que as recordações que aparecem nesses casos referem-se, muito provavelmente, a uma fantasia que, por sua vez, originou-se em algo de um passado muito remoto e irrememorável. Assim, o que Freud sublinha nesses escritos é o caráter inacessível, porém determinante, das mais remotas experiências da vida, bem como, o atravessamento da fantasia em sua reconstrução posterior.

Será na “História de uma neurose infantil”⁵ que Freud

(1918[1914]/1980) se debruçará com afinco sobre a discussão de aspectos fundamentais da reconstrução do infantil em análise. *O caso do homem dos lobos* insere-se na história da psicanálise a serviço de uma discussão sobre o lugar determinante das experiências infantis na subjetividade do adulto. Nesse caso, Freud percorre terrenos polêmicos. Porém, mesmo quando busca refúgio na determinação filogenética, não deixa de atribuir prioridade à ontogênese na constituição dos sintomas e da subjetividade de seu paciente. Freud, na verdade, aponta a filogênese, mas advoga em favor do determinismo do infantil na constituição psíquica.

Nessa obra, o infantil é entendido como sendo o que se reconstrói em análise das cenas e das fantasias da infância do paciente. Ao analisar uma neurose infantil “quinze anos depois de haver terminado” (Freud, 1918[1914]/1980, p. 20), Freud aponta o caráter atemporal do infantil. Desse modo, sublinha um infantil que não se “desfaz” no adulto, mas que permanece determinando aquilo que o mesmo reconstrói no trabalho de análise. É o infantil em seu caráter singular e próprio ao percurso de cada analisando.

Em muitos momentos da leitura de *O caso do homem dos lobos*, Freud nos passa a impressão de que busca um enlace entre a fantasia e a experiência e, de algum modo, permanece em uma alternância, ou talvez numa busca de conciliação, entre a reconstrução histórica e a reconstrução fantasiada. Assim, se, por um lado, entende as fantasias como as lendas que “camuflam” um passado recalado, por outro, aponta que a “sedução pela irmã (em *O caso do homem dos lobos*) não foi certamente uma fantasia” (Freud, 1918[1914]/1980, p. 35).

Em um dos poucos acréscimos que faz posteriormente ao relato do presente caso, Freud manterá o amálgama da experiência e da fantasia na reconstrução da cena primária de *O homem dos lobos*: “Certamente não há mais necessidade de duvidar que estamos lidando apenas com uma fantasia, que nasceu talvez da observação de relações sexuais de animais” (Freud, 1918[1914]/1980, p. 79). Assim, em *O caso do homem dos lobos*, a experiência como acontecimento da infância permanece na teoria freudiana através da manutenção da cena com os animais na constituição da fantasia da cena da relação sexual dos pais.

Nessa direção, podemos pensar que em *O caso do homem dos lobos*, o infantil equivale àquilo que é traumático e que permaneceu inconsciente gerando sintomas, sonhos, etc. Mais que isso, Freud atribuirá tal importância ao *fator infantil*⁶ que, afirmará ele, por si só, é suficiente para produzir uma neurose.

O tema do infantil permanece na obra freudiana até seus escritos finais. Freud manterá o constante debate em torno das questões com as quais nos ocupamos neste artigo. No entanto, pensamos que nos escritos iniciais o infantil já está estabelecido e delimitado. Mais que isso, a conexão desse conceito com a proposta freudiana para compreensão da constituição psíquica está plenamente estabelecida. À guisa de conclusão, apresentamos a questão em torno da consideração do infantil como conceito psicanalítico.

O infantil como um conceito, definitivamente

Alguns dicionários (Chemama & Vandermersch, 1995; Hanns, 1996; Kaufmann, 1996; Laplanche & Pontalis, 1988) que exploram o conjunto de conceitos desenvolvidos na psicanálise,

não trazem a definição do infantil. O infantil aparece apenas adjetivando alguns verbetes como, por exemplo, amnésia infantil.

A ausência da definição do infantil nos dicionários de psicanálise acima citados levanta algumas questões e assinala algumas peculiaridades referentes ao infantil na psicanálise. Por um lado, essa ausência justifica-se pelo fato de Freud não ter explicitamente constituído o infantil como um conceito, a despeito de sua relevância no arcabouço teórico da psicanálise. Mas, por outro lado, a relevância desse conceito em Freud é denunciada pela relação que o infantil estabelece com conceitos que se estendem por todo corpo teórico da psicanálise. Ao longo de sua obra ele foi construindo e reiterando a cada caso o conceito do infantil. Além disso, o infantil ocupa um lugar central na metapsicologia e no trabalho de análise. O infantil articula conceitos como recalque, pulsão, inconsciente, dentre outros. A sua compreensão é determinante para o modo como podemos tomá-lo. Se Freud falava da infância, mas atribuía à mesma um sentido diverso daquele até então conhecido, é preciso que essa especificidade conceitual fique demarcada na psicanálise.

Como um conceito que se constitui no cerne do trabalho de análise, a teorização do infantil comparece na metapsicologia como um recurso que possibilita uma posição do analista em relação àquilo que ouve de seu paciente. Em suas diferentes facetas, o infantil refere-se àquilo que, sob a ação do recalque, origina e determina o psiquismo humano. Referido a um tempo originário, o infantil inscreve-se no psiquismo humano como uma construção atravessada pela fantasia. No trabalho de psicanálise, o infantil comparece em um constante movimento de retorno e atualização daquilo que, no percurso do desenvolvimento pulsional, pode ser construído, somente *a posteriori*, como sendo a infância de cada analisando.

Na proximidade e, ao mesmo tempo, na descontinuidade entre as definições da infância e do infantil constitui-se e configura-se uma mescla. Ou seja, esses conceitos formam uma trama em que os “fios” de cada um deles permanecem em suas próprias cores, configurando, ao final, um tecido próprio a cada sujeito, mas no qual algo se preserva de sua matéria-prima, porém, já transfigurada pelo recalque. Uma trama que depois de constituída existirá como tal e não mais como categorias separadas.

Por fim, ressaltamos que a infância e o infantil não estabelecem uma relação de complementação, em que o infantil comparece como “a parte inconsciente” daquilo que permanece consciente sobre a infância que se viveu um dia. Tanto a infância vivida como o infantil estão transfigurados pelo recalque que os fragmentou. Desse modo, ambos encontram-se atravessados pela impossibilidade de um resgate literal e finito. Não há um infantil a ser esgotado em seu resgate, nem uma imagem ou construção sobre a criança a ser “completada” no trabalho de análise.

É importante lembrarmos que a constituição dessa noção de infantil em Freud, que sugerimos ser elevada ao status de conceito (já em Freud), acontece a partir da escuta de pacientes em análise. É no contexto dessa escuta que Freud vai, progressivamente, conferindo um lugar determinante à infância e constituindo os contornos do infantil. Desse modo, é somente em referência ao trabalho de análise que o conceito do infantil torna-se pertinente. Pensar o infantil fora do contexto da metapsicologia ou do trabalho da psicanálise torna-o um conceito estéril

e volátil, pois é apenas nos meandros da relação transferencial que o infantil poderá ser parcialmente alcançado e teoricamente constituído.

Referências

- Chemama, R., & Vandermersch, B., (Orgs.). (1995). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larrousse.
- Freud, S. (1980). Lembranças encobridoras. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 3, pp. 333-358). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1899).
- Freud, S. (1980). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (vols. 4, 5). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1900).
- Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 7, pp. 121-252). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905).
- Freud, S. (1980). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 10, pp. 11-154). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1909).
- Freud, S. (1980). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 11, pp. 59-126). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1910).
- Freud, S. (1980). Uma recordação de infância de *Dichtung und Wahrheit*. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 17, pp. 185-200). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1917).
- Freud, S. (1980). História de uma neurose infantil. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 17, pp. 19-151). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1918[1914]).
- Freud, S. (1980). Notas sobre o Bloco Mágico. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 19, p. 285-294). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1925 [1924]).
- Freud, S. (1980). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 1, pp. 243-380). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1950[1892-1899]).
- Freud, S. (1980). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 1, p. 381-520). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1950[1895]).
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kaufmann, P. (Org.). (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. (Vera Ribeiro e Maria Luiza Borges, trads). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1988). *Vocabulário de Psicanálise* (10^a ed.). (Pedro Tramen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Le Guen, C. (1991). *A dialética freudiana 1: prática do método psicanalítico*. (Regina Steffen, trad.). São Paulo: Escuta.

Notas

¹ A partir de agora apenas *Projeto*.

² A partir de agora apenas *Os três ensaios*.

³ Em *Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Infantil*, Freud (1905/1980) refere-se à amnésia infantil e não à amnésia do infantil. Aqui, usamos a segunda expressão com o intuito de ressaltar que é uma amnésia que diz respeito àquilo que constitui o infantil, conceito que tratamos no presente trabalho.

⁴ A partir de agora chamado “O caso Hans”.

⁵ A partir de agora chamado “O caso do homem dos lobos”.

⁶ Em vários momentos de *O caso do homem dos lobos* Freud faz referência ao “fator infantil”. Talvez seja o momento em que ele mais se aproxima da formulação do infantil como um conceito.

Dione de Medeiros Lula Zavaroni, psicóloga na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cursa doutorado na Universidade de Brasília, em co-tutela na Università di Roma “La Sapienza”. Endereço para correspondência: Via Lussemburgo, 10, Ciampino, Roma, Itália, CAP: 00043. Telefax: 00xx(39)06.45495774. E-mail: dione.zavaroni@gmail.com

Terezinha de Camargo Viana, doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, é professora associada no Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. E-mail: teviana@unb.br

Luiz Augusto Monnerat Celes, doutor em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro, é professor titular no Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. E-mail: celes@unb.br